

Das sombras pandêmicas à luz e a alegria do Evangelho: Necessidade de uma Igreja Samaritana

*Claudio Antonio Delfino*¹

Resumo: Objetiva-se com esta reflexão verificar quais seriam os dramas provocados pela Pandemia do novo Coronavírus, que têm ceifado vidas e desfigurados rostos de milhares de homens e mulheres, e apresentar um modelo eclesiológico a partir do Concílio Vaticano II e do Pontificado do Papa Francisco, capaz de fortalecer a esperança na vida, especialmente, a do povo brasileiro. A metodologia utilizada será a do ver, julgar e agir. Em tempos pandêmicos é evidente que uma sombra de morte paira sobre a realidade atual, causando instabilidades, que desafiam não somente a sociedade civil, mas também a Igreja, em dar as razões da nossa esperança (1Pd 3,15). Ler, interpretar e dar respostas à realidade vigente são compromissos eclesiais essenciais, que não podem ser deixadas para depois. É desta tríplice exigência que emanarão, não somente os sinais de morte da realidade, mas, os desafios e tarefas que requerem uma ação evangelizadora fundada nos princípios evangélicos emergentes da Eclesiologia Conciliar e do Pontificado do Papa Francisco.

Palavras-chave: Pandemia; Eclesiologia; Concílio Vaticano II; Papa Francisco

INTRODUÇÃO

Objetiva-se com esta reflexão verificar quais seriam os dramas provocados pela Pandemia do novo Coronavírus, que têm ceifado vidas e desfigurados rostos de milhares de homens e mulheres, e apresentar um modelo eclesiológico a partir do Concílio Vaticano II e do Pontificado do Papa Francisco, capaz de fortalecer a esperança na vida, especialmente, a do povo brasileiro. Procedendo com a metodologia ver, julgar e agir, esta investigação será assim desenvolvida: Algumas sombras em tempos pandêmicos; Principais elementos eclesiológicos do Concílio Vaticano II; Principais elementos eclesiológicos do Pontificado do Papa Francisco; Possíveis contribuições para a Igreja em tempos de Pandemia; Considerações finais e Referências. Assim segue:

1 ALGUMAS SOMBRAS EM TEMPOS PANDÊMICOS

É de se convir que desde 11 de março de 2020, quando da declaração do estado de Pandemia do novo Coronavírus pela Organização Mundial da Saúde – OMS (UNASUS, 2020), instalou-se mundo afora, um sofrimento de proporções gigantescas.

No início deste tempo sombrio, em função de inexistência de medidas preventivas ou terapêuticas para a COVID-19 e tendo em vista a rápida transmissão e contaminação pelo novo coronavírus, a OMS recomendou aos governos algumas medidas, como seguem: a adoção de intervenções não farmacológicas, como por exemplo, às de natureza e alcance

¹ Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: claudiodelfino72@yahoo.com.br

individual (lavagem das mãos, uso de máscaras, e restrição social); as de natureza ambiental (limpeza rotineira de ambientes e superfícies) e as de natureza comunitária (restrição ou proibição ao funcionamento de escolas e universidades, locais de convívio comunitário, transporte público, além de outros espaços onde pode haver aglomeração de pessoas) (VV. AA., 2020).

Desde sempre, o ser humano, naturalmente é dotado da capacidade de dar sentido à sua existência e à existência da realidade onde ele encontra-se. Não obstante essa sua potencialidade inata, é possível perceber que uma das marcas do tempo presente é a falta de sentido (CELAM, n. 37, p. 29) em muitas pessoas, de forma a gerar um vazio existencial. Tal cenário se agravou na vida pós-pandemia.

As medidas acima citadas, marcaram e mudaram diretamente o modo de vida da humanidade. Diante da necessidade, por exemplo, do uso de máscaras, da restrição e isolamento social, das várias vezes que somente funcionaram os serviços essenciais, os impactos foram e continuam visíveis na vida de muita gente. Além dos dramas experimentados com o colapso no sistema de saúde em nosso país, e em muitos lugares do mundo, simultaneamente, foram sentidos outros efeitos pandêmicos, como por exemplo, a queda dos índices econômicos, diminuindo a renda, principalmente a dos mais pobres, vítimas do desemprego, que no Brasil atingiu a marca de 14,7% no primeiro trimestre de 2021, gerando 14,8 milhões de desocupados (IBGE, 2021). Com tal crise, é inevitável que muitas famílias não possuam o necessário para viver dignamente, faltando até mesmo o alimento cotidiano. Ademais, registrou-se até o dia 02 de junho do presente ano, a triste marca de 467.706 mortos, vítimas da Pandemia do novo Coronavírus, segundo o Ministério da Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Por estes e outros motivos, tais acontecimentos tem impactado a saúde mental de grande parcela da humanidade. Segundo Jair de Jesus Mari, médico psiquiatra, professor titular e chefe do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM/Unifesp) – Campus São Paulo, alguns sintomas podem afetar a saúde psicológica das pessoas em meio à pandemia, tais como: o medo de ser contaminado pelo vírus invisível, os dramas provocados pela necessidade de redução e distanciamento físico, dado que o povo latino é, por natureza, um povo afetuoso. Desta maneira, a Pandemia se manifesta como um foco de estresse e transtornos neurofisiológicos (UNIFESP, 2020). Ademais, segundo a Fiocruz, em meio ao cenário pandêmico, os cuidados com a saúde precisam ser redobrados. Toda a situação pode afetar também a saúde mental das pessoas, aumentando a ansiedade, insegurança, tristeza e outros sentimentos diante do isolamento social e das incertezas (FIOCRUZ, 2020).

Apesar das sombras presentes na atualidade, a Igreja não pode deixar de exercer a sua missão de anunciar o Evangelho da alegria, que traga luz e esperança para a humanidade. Tendo em vista isto, se passa agora a apresentar os principais elementos eclesiológicos oriundos do Concílio Vaticano II, para reafirmar que ainda se têm razões para não desanimar diante dos desafios hodiernos.

2 PRINCIPAIS ELEMENTOS ECLESIOLÓGICOS DO CONCÍLIO VATICANO II

Uma vez descritos, mesmo que brevemente, alguns traços da realidade hodierna, imediatamente passa-se a apresentar os principais elementos da identidade/missão da Igreja a partir do Concílio Vaticano II. Toda ação evangelizadora deve acontecer entre o mistério revelado e a realidade onde os discípulos missionários de Jesus Cristo se encontram. Qualquer labor teológico que prescindisse da realidade seria inócuo e estéril, pois, é a história concreta de um povo o habitat preferencial para que as sementes da Palavra frutifiquem, no coração de cada homem e mulher.

Afinal, quais os principais elementos da eclesiologia conciliar, que podem iluminar o tempo presente, marcado pelas sombras pandêmicas, dentre outros males? Assim segue:

2.1 A IGREJA É O POVO REUNIDO NA UNIDADE DO PAI E DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO (LG 04).

Tal afirmativa feita por São Cipriano e Santo Agostinho, encontra eco no paradigma eclesiológico do Vaticano II, conforme nota de rodapé do texto apenas citado. Desta maneira, a Igreja encontra a sua Fonte primordial no designo amoroso do Pai, que desde a Criação foi preparando em figuras e progressivamente, o nascimento da Esposa do seu Filho, concedendo, mesmo depois da queda em Adão (Gn 3,1-7) a graça àqueles que crendo em Jesus Cristo, o Redentor, que é a imagem de Deus e o primogênito de toda criatura (1Cor 1,15) de serem congregados nela (a Igreja) (LG, n. 2, pp. 39-40).

Chegada à plenitude dos tempos, o Pai enviou o seu Filho (Gl 4,4) “o qual, em prol de nós, homens, e de nossa salvação, desceu dos céus, e se encarnou, do Espírito Santo, ‘do seio’ de Maria Virgem, e se fez homem” (DH 150). Jesus Cristo, cumprindo a vontade do Pai, inaugurou na terra o Reino dos céus, revelando-nos o seu mistério e, obediente Àquele que o enviou, realizou a nossa redenção. E na Igreja, o Reino de Deus já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo, mediante a graça que se manifestou no sangue e na água que jorraram do lado aberto de Jesus crucificado (Jo 19,34).

Quando da consumação da obra redentora que o Pai confiara ao Filho, nos foi enviado o Espírito Santo em Pentecostes, com a missão de santificar permanentemente a Igreja. O Espírito possibilita aos crentes de aproximarem-se do Pai por Cristo (Ef 2,18). Ele é a fonte de água que jorra para a eternidade (Jo 4,14). O mesmo Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (1Cor 3,16). Ele é princípio de unidade, de comunhão, de conhecimento, dos membros da Igreja com Deus e entre si, salvaguardando a diversidade de dons e ministérios. Pela força do Evangelho, Ele rejuvenesce todo o povo de Deus (LG 04).

Considerando a Trindade como Fonte do mistério onde a Igreja encontra o seu fundamento, Almeida afirma:

A Igreja é, antes de tudo, uma comunidade que crê, *congregatio fidelium*, ou seja, comunidade daqueles que creem. Sua existência é referida a atos e fatos que lhe são anteriores: o Pai, o Filho e o Espírito

Santo; não em si, mas em suas relações com o mundo (“criador do céu e da terra”), com a história (“concebido, nascido, padecido, morto e sepultado”) e com a definitiva inseparabilidade dos dois (“a santa Igreja, a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição dos mortos, a vida eterna”). A Igreja é (existe) porque crê e deixa de ser quando deixa de crer (ALMEIDA, 2004, p. 19).

Desta maneira, a Igreja não é a sua *causa sui*, mas a sua identidade e missão descendem, por designo amoroso de Deus, da sua relação com a Trindade Econômica. A Igreja, *Lumen Gentium*, sem se separar do mistério Trinitário, se configura e se realiza na história, como Povo de Deus. Esta é a outra nota eclesiológica conciliar.

2.2 A IGREJA SE REALIZA NA HISTÓRIA COMO POVO DE DEUS (LG 09).

Sendo a luz do mundo, a Igreja jamais pode se separar Daquele que, por excelência, é a luz do mundo (Jo 8,12) Jesus Cristo. Desta maneira, a experiência eclesiológica da unidade intratrinitária, deve ser o paradigma que a mova para promover a unidade histórica entre os fiéis, com toda a comunidade humana e com toda a Criação.

O princípio para que qualquer povo seja aceito por Deus é o temor a Ele (At 10,35). Mas, segundo a citação apenas feita desta seção, “aprouve a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los um povo, que O conhecesse na verdade e santamente” (LG 09). De acordo com o seu designo salvífico, Deus escolheu Israel como o seu povo e com ele fez aliança. E na sua pedagogia reveladora, segundo a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, Deus foi revelando-Se, gradativamente, na história da Salvação, como que preparando para a sua revelação plena em Jesus Cristo (DV 03-04). Desta maneira, a nova e eterna aliança foi constituída por Cristo, isto é, o novo testamento do seu sangue (1Cor 11,25), congregando na mesma unidade, judeus e gentios, unidade esta, realizada pelo seu Espírito, constituindo o novo Povo de Deus. Seus membros renasceram não da carne, mas da água e do Espírito Santo (Jo 3,5-6) constituindo uma linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus (1Pd 2,9-10; LG 09).

Sendo assim, a Igreja, Povo de Deus, encontra no sacramento do Batismo a fonte de unidade e dignidade de todo os seus membros. Nele recebemos a mesmo Espírito, cremos no mesmo Senhor, somos filhos adotivos do mesmo Pai, acolhemos o mesmo Evangelho e somos todos irmãos e irmãs. Nisto realiza-se a nossa unidade com Deus e entre nós na história, além da necessidade de um amor inclusivo com toda a sociedade humana, assim como fomos amados por Deus. Quanto à unidade da Igreja ser proveniente de Deus, concorda Agenor Brighenti (BRIGHENTI, 2011, p. 20). Simultaneamente, na mesma fonte batismal somos revestidos da mesma dignidade. Ninguém deve considerar-se superior ao outro, mas aquele que quiser ser o maior, seja o servo de todos (Mt 20,26). Por exemplo, os que contraem os Sacramentos da Ordem ou do Matrimônio, definidos como Sacramentos do serviço da

comunhão, não recebem uma dignidade cristã superior a ninguém, mas devem se colocar a serviço dos outros, além de buscarem o seu bem próprio (CEC p. 420).

Desta maneira, ainda é possível afirmar que a eclesiologia conciliar, além de concordar com uma Igreja mistério, que se configura na história como Povo de Deus, tendo no Batismo a fonte da dignidade cristã, ela enviada a anunciar o Evangelho, a celebrar o único e irrepetível mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, nos Sacramentos, através da sua ação litúrgica, como afirma a Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC 06). Ademais, ela ainda possui a índole de estar presente em meio as alegrias e esperanças, tristezas e alegrias dos homens e mulheres do seu tempo, conforme ensina a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS 01) sendo solidária com toda a família humana.

Enfim, tendo ciência da riqueza da eclesiologia conciliar e, simultaneamente, da limitação desta reflexão, passa-se agora a apresentar os principais elementos eclesiológicos do Pontificado do Papa Francisco, enriquecendo e alargando o horizonte do que até aqui foi exposto, além de procurar encontrar alegria e esperança para a humanidade que sofre com as sombras pandêmicas.

3 PRINCIPAIS ELEMENTOS ECLESIOLOGICOS DO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO.

Além de ser luz dos povos, a Igreja encontrou no Pontificado do Papa Francisco, uma marca que lhe é bastante peculiar, isto é, a alegria. Desta maneira, sendo luz e experimentando a alegria do Evangelho, ela é enviada no mundo atual a espalhar esperança para todos. E é sobre a temática da alegria que se desenvolverá agora a investigação.

3.1 EXPERIMENTAR HOJE A ALEGRIA QUE NASCE DO ENCONTRO PESSOAL COM JESUS CRISTO (EG 03).

O Papa Francisco, ciente das ciladas do mundo atual, especialmente atraindo pessoas para um consumo desenfreado, que as fecha para Deus e para o próximo, e as tira a alegria de amar, convida a todos, a renovar hoje o seu encontro pessoal com Jesus Cristo, ou ao menos deixar-se encontrar por Ele. Jesus Cristo é a fonte de alegria para todos. Ninguém é excluído deste convite. Mesmo que já experimentamos a tristeza de sermos enganados pelas seduções do mundo presente, o Senhor é misericordioso e perdoa sempre (Mt 18,22). Esta alegria nos permite de sempre recomeçar. Ela tem a sua fonte na ressurreição Dele. É uma alegria vivificante, que concede a cada um a oportunidade de se levantar das quedas. É alegria que cura as feridas provocadas pelo pecado, semelhante ao Bom Samaritano, que movido pela alegria do amor, não mediu esforços para cuidar de seu irmão ferido, mesmo sendo desconhecido, pois tal amor alegre, rompe barreiras e constrói pontes, em busca de formar uma família, onde todos podem se sentirem em casa (FT 62). Apesar dos dramas que enfrenta com toda a

humanidade na realidade hodierna, no rosto, nas palavras e ações da Igreja, deve resplandecer a alegria do Evangelho.

3.2 CONSTRUIR, DIARIAMENTE, UMA “IGREJA EM SAÍDA”, MOVIDA PELA ALEGRIA DO EVANGELHO (EG 20-23).

Já no Antigo Testamento, a Palavra de Deus continha em si um dinamismo de “saída”, atesta o Papa Francisco (Gn 12,1-3; Ex 3,10; Jr 1,7). O próprio Jesus, após a sua ressurreição, ao enviar aos discípulos (Mt 28,19-20), instaura um mandato missionário, que norteia ainda hoje a evangelização. A Igreja, que sempre deve estar inserida em seu tempo, diante dos desafios presentes, deve sentir-se atraída a sair de sua comodidade com coragem, buscando alcançar as periferias que necessitam da luz e da alegria do Evangelho. A alegria do encontro com Jesus morto e ressuscitado converte-se e deve converter-nos numa alegria missionária, chegando aos pobres e pequeninos (Lc 10,21). Acreditando na surpresa de Deus, é preciso se dar conta da potencialidade de sua Palavra, de ultrapassar as nossas previsões. Esta atitude eclesial missionária somente pode existir autenticamente, se a Igreja manter-se em profunda intimidade com Jesus, intimidade essa, que segundo o Papa Francisco, é uma intimidade itinerante. A partir dela, é urgente percorrer os caminhos deste tempo, com a esperança de um dia se alcançar o Dia Eterno.

3.3 ALARGAR A DIMENSÃO DA DIACONIA ECLESIAL A PARTIR DA ALEGRIA E DO AMOR DO EVANGELHO (EG 187-188; FT 80-83).

A experiência com Jesus Cristo morto e ressuscitado deve impulsionar a Igreja a romper as barreiras da indiferença e do individualismo, marcas presentes da realidade hodierna. Cada cristão é chamado diariamente a ser instrumento de Deus, em busca da libertação e promoção dos pobres e vulneráveis. Ninguém deve ficar à margem da sociedade. Basta voltar-nos à Sagrada Escritura, para observar a atitude de Deus diante do sofrimento dos filhos de Israel (Ex 3,7-8.10; Jz 3,15). Ele viu o sofrimento do povo. Ouviu o seu clamor e conhece a dor que o povo passava. Ademais, diante do que eles passavam, Deus enviou-lhes um salvador. É da atitude divina que decorre a exigência para que a Igreja, além de ser luz do mundo, agir de modo libertador, especialmente, com os mais vulneráveis do seu tempo. Ela é desafiada a responder fortemente ao clamor dos seus filhos sofredores no hoje da sua história, guiada pelo Espírito Santo e o Evangelho da Misericórdia. Ela deve tornar-se, sempre mais, uma Igreja solidária à dor de todos, uma Igreja Samaritana.

Além desta indicações da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco, fiel ao seu ensinamento, assim exorta a Igreja, na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, conforme as citações no início desta seção. Refletindo sobre a parábola do Bom Samaritano, ele nos interroga: “quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). Indo além da mentalidade judaica, que considerava o próximo como alguém que se encontrava mais vizinho, pertencente ao próprio grupo ou raça, ele provoca a alargar este horizonte. A proposta de Jesus é fazer-se presente a quem mais

precisa, mesmo que tal pessoa não pertença ao grupo de quem deve fazer-se próximo. Se faz necessário então, romper com toda a indiferença, que como um muro nos separa. Rompendo tal barreira, é preciso fazer o mesmo que fez o Bom Samaritano, fazendo-se presente diante do sofrimento alheio, curando as suas feridas e cuidando dele. Este é um modo concreto de manifestar o amor fraterno inclusivo. Desta maneira, o nosso círculo alarga-se, a alegria do amor alcança os que antes eram esquecidos caídos à beira da estrada do nosso tempo, os que gritam de dor são escutados e acolhidos, criando assim uma atmosfera de amor sem fronteiras, uma atmosfera samaritana.

Enfim, estas breves notas eclesiológicas do pontificado do Papa Francisco, unidas às indicações do Concílio Vaticano II, têm o objetivo de possibilitar nesta reflexão, colher algumas contribuições para ação evangelizadora da Igreja, especialmente a do Brasil, diante de um mundo marcado com tantas sombras que ofuscam a beleza e a sublimidade da vida em nossos dias, de modo peculiar, as sombras pandêmicas e outras delas decorrente. É isto que se pretende discorrer a seguir.

4 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A IGREJA EM TEMPOS DE PANDEMIA.

Recorda-se que o objetivo desta reflexão era verificar quais seriam os dramas provocados pela Pandemia do novo Coronavírus, que têm ceifado vidas e desfigurados rostos de milhares de homens e mulheres, e apresentar um modelo eclesiológico a partir do Concílio Vaticano II e do Pontificado do Papa Francisco, capaz de fortalecer a esperança na vida, especialmente, a do povo brasileiro. Do que foi apresentado até o presente momento, se pode extrair as seguintes contribuições para a ação evangelizadora da Igreja diante da realidade hodierna:

a) Apesar da Igreja estar, necessariamente, presente na história atual, marcada, dentre outras coisas, com tantas sombras de morte oriundas da Pandemia do novo Coronavírus, ela não pode separar-se no mistério Trinitário, que é a sua fonte. Sendo um povo reunido na unidade do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, a Igreja encontra em Deus as razões de sua esperança (1Pd 3,15) para ser sinal de esperança para a humanidade inserida num horizonte dramático e sofredor. Ademais, aproximando-se Daquele que é a luz do mundo (Jo 8,12) ela deve tornar-se, na realidade hodierna, luz para os homens e mulheres. O brilho da luz deve dissipar as sombras da morte que ofuscam a beleza da vida;

b) Sem jamais perder a comunhão com o mistério Trinitário, a Igreja, que também participa desta condição misteriosa, convocada a ser *Lumen Gentium*, é configurada no mundo como Povo de Deus. Sendo assim, transcendência e historicidade são duas notas inseparáveis suas. Os seus fiéis, revestidos pelo sacramento do Batismo, que lhes conferem a dignidade cristã, são congregados na mesma unidade, tendo por sua fonte, o Espírito Santo, tem a missão de ser uma Igreja missionária, ou como afirma reiteradamente o Papa Francisco, uma Igreja em “saída”. Ela não é autorreferente, mas a sua referência é o Senhor. Peregrinando neste

mundo, a Igreja deve trilhar os passos de Jesus Cristo, missionário do Pai, sempre deixando-se guiar pelo Espírito Santo. Ela não pode jamais se afastar de Deus e da história do seu povo;

c) Além de ser luz dos povos, ser Povo de Deus que peregrina neste mundo, a Igreja deve manifestar no seu ser, a alegria do Evangelho. Tal alegria brota da sua intimidade com Jesus Cristo. A sua presença na história deve irradiar esperança para todos. Num mundo marcado por tantos sofrimentos e morte, missão da Igreja requer que seu agir liberte as pessoas das amarras que as fazem perder o brilho da vida. Desta forma, uma autêntica evangelização, deve proporcionar a oportunidade às pessoas, de um novo encontro com Senhor morto e ressuscitado, sempre que for necessário. A alegre misericórdia de Deus é uma fonte inextinguível, que sempre concede ao fiel uma nova ocasião de recomeçar;

d) Enfim, além de ser luz e alegria que dê esperança às pessoas, a Igreja deve ser a boa Samaritana da humanidade, fazendo-se próxima de todos, sem colocar barreiras à graça de Deus. Exercendo a sua diaconia, que lhe pertence por natureza, ela deve se aproximar de todos os que estão caídos à margem da existência do seu tempo. somente assim, ela vai dar esperança para os mais vulneráveis e sofredores, sendo fiel ao Bom Samaritano da humanidade.

CONCLUSÃO

Pensar uma eclesiologia fiel ao Concílio Vaticano II e ao Pontificado do Papa Francisco em tempos difíceis como o atual, é uma tarefa urgente e necessária. Afinal, o labor teológico não pode prescindir jamais dos seus princípios fundamentais, capazes de iluminar, alegrar e dar esperança ao seu povo. Desta forma, tal labor deve ser fonte de comunhão entre o mistério revelado e as alegrias e esperanças, tristezas e sofrimentos de um povo peregrino na história.

O que objetivou-se com esta reflexão foi justamente trilhar este caminho. Num mundo marcado com as chagas desta atual Pandemia e de outros males dela decorrentes, a Igreja, que encontra a sua fonte no mistério Trinitário, sendo um povo reunido na unidade do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, configurada na história como povo de Deus, é convocada a ser uma presença que ilumine, manifeste a alegria do Evangelho que brota do encontro pessoal com Jesus Cristo morto e ressuscitado, dando esperança a todos os homens e mulheres do seu tempo. Somente tornando-se uma Igreja autenticamente Samaritana, ela poderá realizar o projeto do Reino de Deus, já presente aqui, mais ainda não totalmente realizado em nós.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio José. *Sois um em Cristo Jesus*. São Paulo: Paulinas; Valência – Espanha: Siquem, 2004.

BÍBLIA: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. *A Pastoral dá o que pensar (A inteligência da prática transformadora da fé)*. 2ª Ed., 2011. São Paulo: Paulinas; Valência – Espanha: Siquem, 2006.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Reimpressão em 2004. São Paulo: Loyola, Ave-Maria, Paulinas, Paulus; Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina. In: VIER, Frei Federico (Coord.) *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. 25ª Ed., 1996. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frei Federico (Coord.) *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. 25ª Ed., 1996. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*: Constituição Dogmática sobre a Igreja. In: VIER, Frei Federico (Coord.) *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. 25ª Ed., 1996. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*: Constituição sobre a Sagrada Liturgia. In: VIER, Frei Federico (Coord.) *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. 25ª Ed., 1996. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*. 2ª. Ed., 2007. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus e Paulinas, 2007.

DENZINGER – HUNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, 3ª Ed., 2015. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

FIOCRUZ. *Coronavírus e saúde mental. Tire as suas dúvidas aqui!* Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/coronavirus-e-saude-mental-tire-suas-duvidas-aqui/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: (Sobre a Alegria do Evangelho). São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*. (Sobre a Fraternidade e a Amizade Social). São Paulo: Paulus, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Painel Coronavírus*. Atualizado em 02/06/2021, às 17:58hs. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

UNASUS. *Organização Mundial da Saúde declara início da Pandemia*. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 13 mai. 2021.

UNIFESP. *Quais os principais efeitos da Pandemia na saúde mental?* Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/noticias-antiores-dci/item/4395-quais-os-principais-efeitos-da-pandemia-na-saude-mental>. Acesso em: 03 jun. 2021.

VV.AA. *A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal*, 2020. Epidemiologia e Serviços de Saúde. Brasília, v. 29, n. 4, set, 2020. Disponível em:

http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000400025. Acesso em: 13 mai. 2021.